

EMERGÊNCIA DE *DAR PRA/DE* NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA AUXILIARIZAÇÃO MODAL DEÔNTICA

EMERGENCIA DE *DAR PRA/DE* EN EL DOMINIO FUNCIONAL DE LA AUXILIARIZACIÓN
MODAL DEÔNTICA

EMERGENCY OF *DAR PRA/DE* IN THE FUNCTIONAL DOMAIN OF DEONTIC MODAL
AUXILIARIZATION

Edair Maria Görski*

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: O objetivo deste trabalho é buscar evidenciar, sincronicamente, o uso de *dar pra/de* como um “modal emergente” (KRUG, 2001) no domínio funcional da auxiliarização deôntica. Numa abordagem funcionalista da língua, são mobilizadas as noções: i) de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), considerando os princípios de camadas e de divergência (HOPPER, 1991) e o conceito de domínio funcional (GIVÓN, 1984, 2002); e ii) de modalidade (BYBEE *et al.*, 1994; GIVÓN, 2001, 2005). Na descrição do funcionamento de *dar pra/de* INF, são consideradas tanto as alterações na configuração sintática da construção com reflexos no estatuto categorial do item, como o valor modal envolvido (possibilidade raiz, habilidade, manipulação). Dados de fala (Projeto VARSUL) sustentam a hipótese de surgimento de um “quasi-auxiliar” (HEINE, 1993) modal deôntico, bem como de variação com *poder* nesse domínio funcional, situando-se o fenômeno na interface gramaticalização-variação (POPLACK, 2011; GÖRSKI; TAVARES, 2017).

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização. Domínio funcional. Variação. Modalidade deôntica; Auxiliarização.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es buscar evidenciar, sincrónicamente, el uso de *dar pra/de* como un “modal emergente” (KRUG, 2001) en el dominio funcional de la auxiliarización deôntica. En un enfoque funcionalista de la lengua, se moviliza: i) la noción de gramaticalización (HOPPER, TRAUGOTT, 1993), considerando los principios de capas y de divergencia (HOPPER, 1991), y el concepto de dominio funcional (GIVÓN, 1984, 2002); y ii) en la noción de modalidad (BYBEE *et al.*, 1994, GIVÓN, 2001, 2005). En la descripción del funcionamiento de *dar para/de* INF, se consideran tanto las alteraciones en la configuración sintáctica de la construcción con reflejos en el estatuto categorial del ítem, como el valor modal involucrado (posibilidad raíz, habilidad, manipulación). Los datos de habla (Proyecto VARSUL) sostienen la hipótesis del surgimiento de un “casi-auxiliar”

* Doutora em Linguística pela UFRJ. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC. E-mail: edagorski@hotmail.com. Agradeço aos pareceristas anônimos a leitura atenta do texto e as sugestões. Eventuais falhas são de minha responsabilidade.

(HEINE, 1993) modal deóntico, así como de una variación con *poder* en ese dominio funcional, situándose el fenómeno en la interfaz gramaticalización-variación (POPLACK, 2011; GÖRSKI; TAVARES, 2017).

PALABRAS CLAVE: Gramaticalización. Dominio funcional. Variación. Modalidad deóntica. Auxiliarización.

ABSTRACT: We aim, in this work, to show, in synchronicity, the use of *dar pra/de* as an "emergent modal" (KRUG, 2001) in the functional domain of deontic auxiliarization. We follow a functionalist approach to language, based on: i) the notion of grammaticalization (HOPPER, TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT; DASHER, 2005), considering the principles of layers and divergence (HOPPER, 1991) and the concept of functional domain (GIVON, 1981, 1984, 2002); and ii) the notion of modality (BYBEE *et al.*, 1994; GIVÓN, 2001, 2005). In the description of the functioning of the construction *dar pra/de* INF, we consider both the changes in the syntactic configuration of the construction with reflexes in the categorical status of the item, and the modal value involved (root possibility, ability, manipulation). Speech data (VARSUL Project) support the hypothesis of the emergence of a "quasi-auxiliary" (HEINE, 1993) modal, as well as of variation with *poder* (*can*) in this functional domain, which places the phenomenon at the grammaticalization-variation interface (POPLACK, 2011; GÖRSKI, TAVARES, 2017).

KEYWORDS: Grammaticalization. Functional domain. Variation. Deontic modality. Auxiliarization.

1 INTRODUÇÃO

Que o verbo 'dar' é altamente polissêmico é fato facilmente constatado no português, como se pode verificar em diferentes registros dicionarizados. Entre as acepções apresentadas no dicionário *Houaiss* (2001, p. 909), por exemplo, além daquelas típicas de predicador, com valor lexical de transferência de posse, e de outras como verbo-suporte, ou verbo leve (como *dar um abraço* = 'abraçar'), encontram-se as seguintes:

16 *t.i.* ser suficiente para; chegar (*este montante não dá para a casa*) [...]

20 *t.i. bit.* **d. de** começar a (*deu de chorar que não parava*) [...]

d. para 1 demonstrar qualidade ou características para ser (*essa menina dá para modista*)

d. para 2 mostrar reiterada tendência para (*agora deu para ficar deprimida*) [...]

d. para 3 sentir um impulso de, começar a (*de repente, deu para rir sem motivo*)

* nas acp. 2 e 3 funciona como verbo auxiliar.

Observe-se que: i) nas acepções **16** e **20 d. para 1**, o contexto é de modalidade; já em **20 d. de**; **d. para 2**; **d. para 3**, o valor não é de modalidade e sim de aspectualidade; ii) o referido dicionário registra o funcionamento de *dar* como auxiliar apenas nos casos de valor aspectual.

No campo da modalidade, o dicionário *Priberam* apresenta também a acepção de possibilidade:

41. Conseguir ou ser possível (ex.: *sei que prometemos, mas não deu para ir*). [Verbo impessoal]

Neste trabalho, interessam as ocorrências da construção *dar pra/de* INF em contextos de modalidade tais como as seguintes, que são tipos de construções com as quais nos deparamos na fala cotidiana:

(1) Na época *dava pra comprar* brinquedo, né? Hoje não *dá* mais (FLP 9)¹

(2) Fica cheia de turista argentino, aí as praias lotam. *Não dá nem pra gente andar direito*. (FLP J D)

¹ O código identifica o informante: no caso, FLP = Florianópolis; 9 = número do informante.

- (3) Tem um monte de coisa na cozinha que *dá pra fazer*, né? (FLP 1)
 (4) Quando [a fruta] estava madura, a gente apanhava, quando não estava, o cidadão dizia: "Olha, *não dá de apanhar*, tal". (FLP 13)
 (5) A gente ia almoçar no grupo, né? Praticamente almoçava porque *a gente dava pra repetir*, né? (FLP 18)

Os valores semânticos em (1) a (5) giram em torno do eixo da possibilidade ('ser possível' espraiando-se para 'poder'), mas, enquanto as quatro primeiras ocorrências assemelham-se sintaticamente àquela registrada no *Priberam*, em que não há um sujeito explícito para *dar pra/de*, (5) apresenta um comportamento gramatical distinto, em que *a gente* antecede o verbo funcionando como sujeito de *dar pra/de*. Como analisar esses tipos de ocorrências?

Em uma análise formal, Pires de Oliveira (2001) propõe a existência de duas formas semânticas para a expressão *dar para/de*: uma modal = 'ser possível' (aplicável a ocorrências como as de (1) a (4)); e outra aspectual = 'começar' (aplicável a (5), particularmente devido à configuração morfossintática da construção que estaria assinalando o início da reiteração de um evento). Diferentemente do que sugere a autora, a análise aqui proposta é de que se trata de cinco contextos de modalidade, sendo que em (5) *dar pra* atua como um auxiliar modal emergente (e não como aspectual).

Em uma análise na ótica da gramaticalização, Coelho e Silva (2014)² afirmam que *dar pra*, em construções como (1), é uma forma gramatical que funciona como auxiliar marcador de modalidade epistêmica. As autoras (2014, p. 24) ilustram com a seguinte ocorrência:

- (6) "Não se podia dizer que fosse de mau modo, mas *dava pra ver* que era má vontade [...]"

Em (6), a presença de 'poder' na oração principal, já instaura um contexto de modalidade no enunciado, mas, a meu ver, trata-se de modalidade deôntica, e não epistêmica como propõem as autoras; e 'dar' funciona como verbo de modalidade e não como auxiliar modal (cf. discutido adiante).

Além disso, Silva (2018) considera que há variação entre as preposições 'pra' e 'de' apenas nas construções em que 'dar' tem valor aspectual, não se verificando tal alternância em construções com valor modal. Os dados da amostra analisada neste trabalho, contudo, mostram que a preposição 'de' também ocorre em contextos de modalidade (como em (4)).

Feita essa breve contextualização acerca de diferentes olhares sobre o fenômeno, a proposta deste artigo é discutir o funcionamento da construção *dar pra/de* INF em contextos de modalidade, evidenciando, sincronicamente, o uso de *dar pra/de* como um "modal emergente" (KRUG, 2001), caso em que a preposição comporta-se como partícula integrante do verbo. As hipóteses que norteiam a discussão são as seguintes: i) em contextos de modalidade, há construções em que a expressão *dar pra/de* funciona como um "quasi-auxiliar" (HEINE, 1993), deslocando seu estatuto categorial rumo a um comportamento mais gramaticalizado; ii) nessa subcategoria de verbos modais, *dar pra/de* passa a competir com 'poder', no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica. Na análise dos dados são considerados fatores de natureza morfossintática (tipo de configuração sintática, sujeito de 'dar' e de INF, tipo de preposição) e semântico-pragmática (valor modal), procurando-se descrever os contextos sintático-semântico-pragmáticos de emergência de *dar pra/de* como quasi-auxiliar modal.

A amostra examinada é oriunda de entrevistas sociolinguísticas do Projeto VARSUL³. A abordagem da gramaticalização é feita em perspectiva sincrônica, levando em conta o contexto semântico-pragmático e morfossintático e considerando deslizamentos funcionais captados na fluidez de padrões da língua em uso (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

² Coelho e Silva (2014) fazem uma análise diacrônica do verbo 'dar', interessadas, basicamente, em seu uso aspectual. Numa trajetória de gramaticalização da construção, elas propõem que auxiliar aspectual é o último estágio e que essa função tem sua origem no uso de 'dar' como verbo leve; ao passo que auxiliar modal é o penúltimo estágio, originando-se no uso de 'dar' como predicador. Silva (2018) atesta, em amostra extraída do sítio *Corpus do Português* que construções como (6) já aparecem no século XIX.

³ Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL). A amostra examinada foi extraída de entrevistas gravadas nas décadas de 1990 e 2000.

Para levar a cabo essa proposta, o artigo está organizado em seções que tratam de: apresentação dos pressupostos teóricos acionados; emergência da construção *dar pra/de* INF como quasi-auxiliar modal; competição no domínio funcional da auxiliarização modal deontica, em que a expressão *dar pra/de* pode concorrer com *poder*; e considerações finais.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Na abordagem funcionalista assumida neste trabalho, em função da natureza do objeto investigado são mobilizadas noções de gramaticalização e princípios atuantes nesse processo, de domínio funcional, de variação linguística e de modalidade. Tais conceitos são brevemente expostos a seguir.

A gramaticalização é entendida como uma mudança linguística que se dá através de regularização gradual, pela qual um item ou construção frequentemente utilizado em contextos comunicativos particulares adquire função gramatical, podendo, uma vez gramaticalizado, continuar a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Como motivações para a mudança, consideram-se aspectos semântico-pragmáticos presentes na negociação de sentidos na interação falante-ouvinte, lugar de inferências e implicaturas (TRAUGOTT; DASHER, 2005).

Dois dos princípios propostos por Hopper (1991) como subjacentes à emergência de formas gramaticais interessam a esta discussão: o de camadas ou estratificação (*layring*) e o de divergência. O princípio de estratificação prevê que, quando novas camadas emergem dentro de um domínio funcional, as camadas antigas do domínio não são necessariamente descartadas, podendo coexistir interagindo com as novas camadas. Desse princípio, destacam-se dois aspectos: a noção de domínio funcional e de coexistência de camadas.

Por domínio funcional entende-se, grosso modo, uma “função comunicativa” (GIVÓN, 1981; 2002). Os planos articulados da semântica proposicional e da pragmática discursiva – que são codificados gramaticalmente – podem ser subdivididos em domínios funcionais, os quais se distribuem num *continuum*, sendo inter-relacionados de forma escalar, num espaço cognitivo multidimensional (GIVÓN, 1984). Os domínios funcionais podem ser descritos com a metáfora da lente: a depender do ângulo de visão, o campo pode ser captado de forma mais abrangente ou mais focada. Exemplificando: na literatura funcionalista, TAM costuma ser visto como um domínio funcional complexo que recobre três outros domínios que atuam articuladamente – tempo, aspecto e modalidade –, manifestando-se como diferentes categorias/funções⁴ imbricadas. A modalidade, por sua vez, recobre outros domínios – deontico e epistêmico. Ajustando o foco na modalidade deontica, vários valores coexistem a serviço de funções como obrigação, volição, manipulação (cf. retomado adiante). Nesse sentido, um domínio pode se configurar num escopo funcional gradiente: macrofunção > funções > subfunções, podendo ser visto como um fenômeno superordenado (GÖRSKI *et al.*, 2003), cujos limites nem sempre são nítidos (GÖRSKI; TAVARES, 2017). Em qualquer instância de um domínio de modalidade, por exemplo, podemos ter diferentes matizes modais que transitam e se sobrepõem, sendo codificados por meio de diferentes mecanismos que envolvem elementos do léxico conceptual, da informação proposicional e do discurso multiproposicional (GIVÓN, 2001, 2005).

A possibilidade de coexistência de camadas num dado domínio decorre da dinâmica da língua, em que os itens, em processo gradual de mudança, se deslocam de um domínio para outro, em movimentos ininterruptos de inovação – seja por expansão polissêmica (multifuncionalidade), seja por mudanças categoriais – que se realizam num *continuum*. Nesse caso, é possível acompanhar a emergência e o percurso de mudança de forma(s) que atravessa(m) diferentes domínios funcionais (foco dos estudos de gramaticalização) e/ou identificar formas coocorrentes para uma mesma função no interior de um dado domínio (foco dos estudos variacionistas). Na interface gramaticalização-variação, Poplack (2011) ressalta que a estratificação envolve apenas os

⁴ Os termos *tempo*, *aspecto* e *modalidade* remetem tanto à noção de categoria – contraparte de natureza gramatical/estrutural –, como à noção de domínio funcional – contraparte de natureza cognitivo-pragmática que integra os planos da semântica proposicional e da coerência discursiva.

casos de variação em que são identificadas formas variantes que surgiram como resultado de diferentes processos de gramaticalização e que coocorrem num mesmo domínio funcional como camadas que vão concorrer no desempenho de um mesmo trabalho linguístico (TAVARES; GÖRSKI, 2015; GÖRSKI; TAVARES, 2017).

O segundo princípio apontado – da divergência – prevê que, quando uma entidade sofre gramaticalização, a forma lexical original permanece como um elemento autônomo e sofre as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns, de sorte que se tem formas com uma etimologia comum, mas funcionalidade diferente (HOPPER, 1991). Uma aplicação dos princípios de estratificação e de divergência será vista ao longo do texto.

Uma vez expostas as concepções teóricas mais gerais que ancoram este trabalho, me atendo, a seguir, ao domínio a que pertence o fenômeno aqui investigado: a modalidade.

Numa perspectiva cognitivo-comunicativa, modalidade é uma categoria/função que codifica a atitude do falante em relação ao conteúdo veiculado pela proposição, envolvendo dois tipos de julgamento: epistêmico, relativo ao grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição; e deôntico ou avaliativo, concernente a valores de desejo, intenção, habilidade, obrigação, entre outros. Considera-se o papel do contexto na *performance on-line, locus* onde a língua emerge e muda, onde as formas constantemente se ajustam a novas funções. Ambas as modalidades (epistêmica e deôntica) admitem matizes e gradação (GIVÓN, 2001, 2002, 2005). O tipo de modalidade que interessa à temática deste artigo é a deôntica.

Há autores, como Bybee *et al.* (1994), que distinguem, no âmbito do que se referiu acima como deôntico, dois subtipos: modalidade orientada para o agente – definida como aquela que “[...] reporta a existência de condições internas e externas atuantes sobre um agente com relação à realização da ação expressa no predicado principal” (BYBEE *et al.*, 1994, p. 177); e modalidade orientada para o falante – compreendida como aquela que “[...] não reporta a existência de condições sobre o agente, mas permite ao falante impor tais condições a outrem” (BYBEE *et al.*, 1994, p. 179). De acordo com os autores, o primeiro tipo recobre as seguintes noções: obrigação, necessidade, desejo, habilidade e possibilidade raiz (*root*); e o segundo tipo abrange valores como imperativo, optativo, hortativo, de aconselhamento, permissivo – todos associados à atitude do falante em relação a outra(s) pessoa(s).

Neste trabalho, assumo que a modalidade deôntica envolve o que Bybee *et al.* (1994) definem como modalidade orientada para o agente e modalidade orientada para o falante, incluindo as respectivas especificações de valores. Nesse sentido, os valores da modalidade deôntica considerados são os seguintes, acompanhados de exemplos prototípicos:

- a. Obrigação: reporta a existência de *condições morais* ou *sociais externas* compelindo um agente a completar a ação do predicado (*dever, ter que*);
- b. Necessidade: reporta a existência de *condições físicas* compelindo o agente (*precisar*);
- c. Desejo: reporta a existência de *condições volitivas internas* no agente concernentes à ação do predicado (*desejar, querer*);
- d. Habilidade/capacidade: reporta a existência de *condições internas* habilitando o agente a realizar a ação do predicado (*poder, conseguir*);
- e. Possibilidade raiz (*root*): reporta a existência de *condições internas, físicas* ou *sociais* para a realização da ação; generalização da habilidade (*poder*);
- f. Manipulação: permissão/pedido/ordem/proibição: reporta a existência de *condições externas* – atos de fala diretivos, em diferentes graus.

Note-se que, a depender do contexto, os valores modais de um mesmo item podem se modificar (GIVÓN, 2001):

- (6) Se não veio, *pode* estar doente (*é provável* que: epistêmico)
- (7) Ele *pode* levantar esse peso (*é capaz de, tem habilidade* para: deôntico)
- (8) Se ele comeu tudo, *pode* brincar (*tem permissão* para: deôntico)

Além disso, podem ocorrer situações de fusão (*merger*), nos termos de Coates (1995), em que o ouvinte pode processar simultaneamente mais de um significado. A autora considera fusão contextos que mesclam valores deôntico e epistêmico como no caso de ‘poder’ (*may*), que pode expressar possibilidade raiz e possibilidade epistêmica, como em:⁵

(9) “[...] o pólen pode ser tirado dos estames de uma rosa e transferido para o estigma de outra”⁶ (COATES, 1995, p. 62, tradução minha)

Em (9), emergem dois significados:

- (9a) ‘é possível ao pólen ser tirado’ (possibilidade raiz)
 (9b) ‘é possível que o pólen seja tirado...’ (possibilidade epistêmica)

Neste trabalho, ocorrências que eventualmente poderiam ser caracterizadas como fusão (possibilidade raiz/epistêmica) são consideradas como possibilidade raiz, uma vez que o interesse central do artigo não é discutir a sobreposição de modalidades, e sim as alterações morfossintáticas que têm reflexos no estatuto categorial de *dar pra/de* INF. Ademais, conforme será pontuado adiante, como os valores associados à modalidade orientada para o agente e orientada para o falante envolvem condições internas e externas levando à realização da ação (BYBEE *et al.*, 1994), torna-se difícil, muitas vezes, distinguir, por exemplo, habilidade/capacidade de possibilidade raiz, já que esta corresponde a uma generalização da habilidade envolvendo condições internas, físicas ou sociais.

Cabe ainda definir o que se entende por “quasi-auxiliar”. Nos termos de Heine (1993, p. 15), trata-se de verbos que, na maioria dos usos, se comportam como verbos plenos, mas quando governam verbos não finitos (infinitivo, gerúndio, particípio) tendem a assumir uma função gramatical.⁷ Nesse sentido, são caracterizados como uma categoria intermediária entre verbos plenos e auxiliares – noção que converge com o que Krug (2001) chama de “modais emergentes”. Para os efeitos deste trabalho, considero que *dar pra/de* se encontra em processo de auxiliarização, constituindo, junto a um verbo no infinitivo, uma perífrase/locução verbal com valor modal, que recebe marcação de tempo-modo e número-pessoa. Sua contraparte “completamente modal” é ‘poder’.

3 A EMERGÊNCIA DE *DAR PRA/DE* COMO “QUASI-AUXILIAR” MODAL

Retomemos as cinco ocorrências inicialmente apresentadas. Em todas, há contexto de modalidade, em que *dar pra* pode ser parafraseado por *ser possível* ou *poder*, com valores semânticos de possibilidade raiz, ou de habilidade, ou ainda de manipulação (podendo haver sobreposição de valores), conforme se observa abaixo.

- (1) Na época *dava pra comprar brinquedo*, né? Hoje não *dá* mais (FLP 9)
 (1a) Na época *era possível comprar brinquedo*, né? Hoje não *é* mais.
- (2) Fica cheia de turista argentino, aí as praias lotam. *Não dá nem pra gente andar direito*. (FLP J D)
 (2a) [...] *Não é possível nem a gente andar direito*.
- (3) Tem um monte de coisa na cozinha que *dá pra fazer*, né? (FLP 1)
 (3a) Tem um monte de coisa na cozinha que *é possível fazer*, né?

⁵ Segundo Coates (1995), diacronicamente, usos deônticos com escopo amplo se desenvolvem antes de significados epistêmicos se tornarem semanticizados.

⁶ No original: “[...] the pollen *may* be taken from the stamens of one rose and transferred to the stigma of another”.

⁷ Segundo Palmer (1983 apud Heine 1993), os “quasi-auxiliares” são “semi-modais” – como *be able to*, *have (got) to*, *be going to*, do inglês – que diferem das respectivas contrapartes “completamente modais” – *can*, *must*, *will*.

(3b) Tem um monte de coisa na cozinha que *pode fazer/ser feito*, né?

(4) Quando [a fruta] estava madura, a gente apanhava, quando não estava, o cidadão dizia: “Olha, *não dá de apanhar*, tal”. (FLP 13)

(4a) [...] “Olha, *não é possível apanhar*, tal”.

(4b) [...] “Olha, *não pode apanhar/ser apanhada*, tal”.

(5) A gente ia almoçar no grupo, né? Praticamente almoçava porque *a gente dava pra repetir*, né? (FLP 18)

(5a) [...] Praticamente almoçava porque *a gente podia repetir*, né?

Quanto à configuração sintática, em (1), *pra comprar brinquedo* é analisado como oração subjetiva, o que fica claro na forma alternativa (1a)⁸. O fato de INF sujeito ser introduzido por preposição é antigo: “A construção de preposições com o infinitivo tornou-se tão familiar, que, em português, e em outras línguas românicas [...], *chegam a antepôr-se a infinitivos que exercitam as funções de sujeito* [...]” (DIAS, 1970 [1918], p. 217-219; grifo acrescido).⁹ O valor de modalidade de *dar pra* em (1) é de possibilidade raiz (há condições sociais externas para a realização da ação). Observe-se que o contexto é de modalidade, mas *dar pra* não tem estatuto gramatical de auxiliar modal.

Givón (1993, p. 186) faz uma distinção entre “verbos de modalidade” (como *want*, ‘querer’) e “modais verdadeiros” (como *can*, ‘poder’), que é pertinente evocar aqui. No inglês, há uma distinção morfossintática: os verbos de modalidade retêm o *to* (*She wants to rest*, ‘Ela quer descansar’) e introduzem um complemento oracional, ao passo que os modais não (*She can rest*, ‘Ela pode descansar’)¹⁰. Embora em português tal diferenciação morfossintática não exista, a distinção entre verbos de modalidade e modais é oportuna em relação ao fenômeno sob análise, de sorte que em (1) podemos considerar *dar pra* como verbo de modalidade, com base principalmente em critério semântico.

Em (2), *pra gente andar direito* também funciona como sujeito oracional de ‘dar’. O fator diferenciador em relação a (1) é a realização explícita do sujeito de INF (*a gente*). De fato, a ideia de indeterminação do agente da ação está presente em (1) e (2), com a diferença de que em (2) o sujeito indeterminado está expresso na forma de *a gente*. O valor de modalidade de *dar pra* em (2) pode ser interpretado como negação de possibilidade raiz (não há condições externas e internas para a realização da ação), mesclando traços de habilidade/capacidade associados à ideia de ‘conseguir’. Nessa ocorrência, *dar pra* também é visto como verbo de modalidade.

Em (3), o estatuto sintático de *pra fazer* é considerado ambíguo, ou híbrido, devido a uma possível topicalização do complemento de ‘fazer’ (*um monte de coisa*), que é retomado pelo relativo *que*. Na interpretação (3a), pode-se atribuir uma análise sintática similar a (1), em que (*pra*) INF funciona como sujeito oracional de ‘dar/ser possível’; na interpretação (3b), pode-se pensar tanto na existência de um sujeito indeterminado não preenchido (*dá pra se (alguém) fazer/ se pode fazer*, como na possibilidade de o relativo estar funcionando como sujeito de uma construção passiva *pode ser feito* – neste último caso, se o antecedente fosse *muitas coisas*, o verbo ‘poder’ concordaria no plural.

Que implicações tem essa dupla leitura? Retomando (3), na primeira análise, o sujeito de ‘dar’ é (*pra*) *fazer X* e na segunda, o sujeito de ‘dar’ seria o relativo, ou mesmo um indeterminado não preenchido, o que teria reflexos sobre o estatuto gramatical da construção: *dá pra fazer* = duas orações, ou *dá pra fazer* = locução, respectivamente. No primeiro caso, *dar pra* funcionaria como

⁸ Note-se que, diferentemente da análise proposta aqui, na acepção de *dar* extraída do dicionário *Priberam* (cf. Introdução), em construção desse tipo *dar* é considerado verbo impessoal.

⁹ Uma discussão mais detalhada sobre o estatuto sintático de construções com INF preposicionado, bem como sobre o uso alternado das preposições *para/prá* e *de* nessas construções com INF pode ser conferida em Görski (2000, 2008).

¹⁰ Além da presença da preposição e da introdução de complemento oracional, os verbos de modalidade, segundo Givón (1993) também apresentam sujeito correferencial ao da oração subordinada.

verbo de modalidade; no segundo caso, como auxiliar modal. Construções com estatuto gramatical ambíguo/híbrido são previstas, numa abordagem funcionalista da língua, como estágios de processos de mudança. Construções com valores modais sobrepostos também são previstas, conforme já sinalizado. A modalidade em (3) poderia ser interpretada como um caso de fusão semelhante a (9): (3a) com valor de possibilidade raiz e (3b) com valor de possibilidade epistêmica. Na análise realizada neste artigo, contudo, optou-se por considerar o valor modal de *dar pra* em (3) como de possibilidade raiz (há condições internas e externas para a realização da ação).¹¹

Em (4), há novamente a possibilidade de dois tipos de paráfrase. Em (4a), o sujeito de ‘dar’ é oracional, expresso por (*de*) INF; em (4b), o sujeito de ‘dar’ poderia ser visto como indeterminado, ou como *a fruta* (complemento de INF deslocado), em interpretação passiva. Outro diferencial em (4) é o fato de INF ser preposicionado por *de* e não por *pra*. A exemplo de outros dados analisados, parece haver um movimento de topicalização envolvido, com reflexos na estrutura sintática da oração, o que faz com que o sujeito de ‘dar’ receba uma interpretação híbrida: em (4a), há duas orações e a segunda funciona como sujeito da primeira; em (4b), haveria uma única oração, em que a construção *dar de* INF funcionaria como uma locução verbal. Na leitura (4a), *dar de* funciona como verbo de modalidade; em (4b), como verbo modal. O valor de modalidade de *dar pra* em (4) mescla manipulação (proibição) com possibilidade raiz (não há condições externas para a realização da ação), ambos os valores circunscritos à modalidade deôntica.

Já em (5), a eventual ambiguidade sintática se desfaz com a codificação de *a gente* como sujeito de *dava pra repetir*. Construções desse tipo provavelmente derivem, por um processo de topicalização por alçamento, de algo como *dava pra gente repetir*, estabelecendo-se claramente uma correferencialidade entre os sujeitos de ‘dar’ e ‘repetir’ – característica de uma locução verbal (GÖRSKI, 2008). Note-se que em (3), de acordo com a interpretação dada, também ocorre topicalização, porém do objeto do verbo infinitivo (*um monte de coisa*), que é alçado a sujeito do primeiro verbo. O valor modal de *dar pra* em (5) é de possibilidade raiz (há condições físicas e sociais para a realização da ação).

Ocorrências desses tipos, associadas a usos em construções relativamente bem estabelecidas como as três abaixo, permitem considerar que *dar pra/de* está emergindo como um “quasi-auxiliar” (HEINE, 1993), dentro da classe dos verbos modais, podendo vir a se regularizar pela força da recorrência de uso, mudando seu estatuto categorial rumo a um comportamento mais gramaticalizado¹².

(10) Ele nos *deu a carta pra todos nós ler* (FLP 12)

(11) O pai *dava liberdade pra gente sair* (FLP 4)

(12) O que eu ganho *dá pra nós comer, dá pra nós viver* (FLP 3)

Em (10), ‘dar’ é um verbo pleno, funcionando como predicador com significado de ‘oferecer’; o estatuto sintático da oração introduzida pela preposição *pra* é adverbial (finalidade). Em (11), ‘dar’ está funcionando como verbo suporte (*dava liberdade*) e a oração introduzida por *pra* é completiva nominal. Em (12), funcionando como verbo principal, ‘dar’ significa ‘ser suficiente’ (contexto de modalidade), e a oração subordinada é objetiva indireta. Note-se, porém, que nos dois últimos casos a combinação de orações é sintaticamente híbrida, possivelmente em virtude de correferencialidade entre constituintes contíguos: em (11) e (12), *pra gente/prá nós* podem ser também interpretados como complemento verbal indireto do verbo da oração matriz e *gente/nós*, por sua vez, como sujeito do verbo da oração subordinada expresso por INF. Já em (10), há um objeto indireto explícito (*nos*) proclítico ao verbo, de modo que *pra todos nós* é inequivocamente uma oração adverbial. Os dados analisados evidenciam a atuação do princípio da divergência (HOPPER, 1991).

¹¹ Ressalve-se que uma leitura existencial também poderia ser feita em relação a (3), em que *um monte de coisa* seria complemento de ‘ter’ e *que dá pra fazer* seria uma oração adjetiva restritiva, caso em que não haveria topicalização.

¹² Contextos sintático-semânticos como (10), com verbo predicador pleno, selecionando argumentos e acrescido de uma noção de finalidade na forma *pra* [...] INF, podem ter atuado como gatilho para expansão de funções da construção *dar pra/de* INF. Não é, contudo, intenção deste artigo propor uma trajetória de mudança que envolva as diferentes funções da referida construção.

A diferenciação no estatuto categorial do verbo (pleno > (quasi)-auxiliar) é acompanhada de outras mudanças correlacionadas. A configuração sintática que envolve as duas formas verbais de cada construção nesse processo já foi discutida acima. Com relação à preposição *pra*, verifica-se que nos três últimos exemplos há traços superpostos: em (10) de dativo e de finalidade; em (11) e (12) entra também o traço de complementizador. Em (1) e (2), por sua vez, há predomínio do traço de complementizador na subjetiva, com diminuição gradativa dessa função em (3) e (4), rumo a partícula agregada ao auxiliar, uma espécie de clítico, em (5). Assim, concomitantemente ao esmaecimento semântico de *pra* e mudança no seu estatuto categorial, também se verificam nos dados analisados: (i) a integração semântico-sintática da construção introduzida por esse item à matriz; (ii) a gradual abstratização de ‘dar’, culminando com a passagem de estatuto de verbo lexical pleno para quasi-auxiliar modal (GÖRSKI, 2000).

Esse movimento encontra respaldo teórico na abordagem de Hopper e Traugott (1993), acerca do processo de combinação de orações na perspectiva da gramaticalização. Os autores tripartem a sentença complexa em parataxe, hipotaxe e subordinação, tipos distribuídos num *continuum* que reflete o percurso da mudança linguística na combinação de orações. Nesse sentido, é possível aventar que os dados exemplificados – não necessariamente na ordem em que foram apresentados – ilustram uma escala de combinação de orações que envolvem *dar pra* INF, como mostra o Quadro 1.

Hipotaxe > [ADV] (10)	Subordinação > [CN/OI > SUJ] (11)/(12) (1) a (4)	Auxiliarização (5)
-----------------------------	--	---------------------------

Quadro 1: Distribuição das ocorrências considerando a combinação de orações

Fonte: produzido pela autora

Na combinação de orações, a última instância reflete o grau maior de integração e gramaticalização em que duas orações se transformam em uma: o INF da segunda oração passa a assumir traços de verbo principal de locução e o verbo da primeira perde seu estatuto pleno tornando-se “quasi-auxiliar” (HEINE, 1993).

Numa busca pela construção *dar pra/de* INF em 36 entrevistas da amostra Varsul/ Florianópolis, foram encontradas 115 ocorrências das quais 106 (94%) são de contexto de modalidade deontica e apenas nove (6%) correspondem a dados como (10) e (11), sendo a maioria dessas com verbo-suporte. As tabelas a seguir exibem resultados relativos aos contextos de modalidade.

Valores	N	Freq.
Possibilidade raiz	85	80%
Habilidade/capacidade	18	17%
Obrigação/manipulação	03	03%
Total	106	100%

Tabela 1: Frequência da construção *dar pra/de* INF em contextos de modalidade deontica

Fonte: produzida pela autora

Ilustram esses valores as seguintes ocorrências, entre outras: possibilidade raiz (1); habilidade/capacidade (16); obrigação/manipulação (4).

Como indicam os resultados expostos na Tabela 1, prepondera largamente o valor modal de possibilidade raiz, que envolve uma generalização da habilidade. A maioria dessas ocorrências equivalem à ideia de ‘ser possível’, ‘poder’, estando incluídas aí também algumas com a ideia de ‘ser suficiente’. Os dados com valor de habilidade/ capacidade carregam mais fortemente a ideia de

‘conseguir’ (condições internas para execução da ação). As ocorrências mais escassas foram com valor de obrigação e manipulação. Volto a ressaltar que, em parte das ocorrências, a modalidade se expressa com valores sobrepostos, como em (16) e (4), em que habilidade e obrigação se fundem com possibilidade raiz, mesclando condições internas e externas para a execução da ação. Nesses casos, foi considerado o traço mais saliente.

Nos contextos de modalidade, o tipo sintático de construção *dar pra/de* INF mais produtivo é o que foi denominado de ordem canônica, como mostra a Tabela 2.

Configuração sintática	N	Freq.
Ordem canônica	86	81%
Topical. de compl. de INF	14	13%
Topical. de suj. de INF	06	06%

Tabela 2: Frequência de construções *dar pra/de* INF, considerando a configuração sintática

Fonte: produzida pela autora

Exemplificando as configurações sintáticas: ordem canônica (1); topicalização de complemento de INF (3); topicalização de sujeito de INF (5). Também são consideradas como resultantes de um movimento de topicalização do sujeito de INF (GÖRSKI, 2008) as ocorrências (15), (16) e (17). Dados desse tipo correspondem à última etapa da escala representada no Quadro 01.

A estruturação sintática da oração que contém a construção *dar pra/de* INF está diretamente relacionada ao constituinte que funciona como sujeito do verbo ‘dar’, resultado que se observa na Tabela 3.

Sujeito de ‘dar’	N	Freq.
<i>Pra/de</i> INF	86	81%
Não correferencial ao Suj. de INF	05	05%
Ambíguo	09	09%
Correferencial ao Suj. de INF	06	06%

Tabela 3: Frequência das construções *dar pra/de* INF, considerando o sujeito de ‘dar’

Fonte: produzido pela autora

São ilustrativos desses diferentes tipos de sujeito os seguintes dados: sujeito *pra/de* INF (1) e (2); sujeito não correferencial (12); sujeito ambíguo (3) e (4); e sujeito correferencial (5).

Por fim, a distribuição das preposições ‘pra’ e ‘de’ nos contextos de modalidade com a construção *dar pra/de* INF mostra a alta incidência de ‘pra’, mas também evidencia que a preposição ‘de’ como em (4) e (15) é forma concorrente nesse contexto.

Preposição	N	Freq.
Pra	87	82%
De	19	18%

Tabela 4: Frequência das preposições ‘pra’ e ‘de’ em construções *dar pra/de* INF em contextos de modalidade

Fonte: produzido pela autora

Esse resultado aponta que, nos dados de fala da amostra analisada, as preposições ocorrem alternadamente, evidenciando seu uso variável em contextos de modalidade. Como já pontuado anteriormente, tal resultado diverge do obtido por Silva (2018), que encontrou, em sua análise diacrônica, *dar de* INF apenas com valor aspectual.

A alta recorrência de uso da construção *dar pra/de* INF em contexto de modalidade provavelmente tenha propiciado a emergência de um quasi-auxiliar dentro da classe dos modais, prevendo-se a expansão crescente desse uso para contextos com novos valores modais. Dentre as 106 ocorrências encontradas nesse tipo de contexto, seis correspondem a *dar pra/de* quasi-auxiliar – dados analisados, sintaticamente, como resultantes de topicalização do sujeito de INF, apresentando, então, correferencialidade entre os sujeitos de ‘dar’ e de INF, uma das propriedades das locuções verbais. A seguir, esse tipo de ocorrência é examinada mais detalhadamente.

4 COMPETIÇÃO NO DOMÍNIO FUNCIONAL DA AUXILIARIZAÇÃO MODAL DEÔNTICA

Se *dar pra/de*, no domínio funcional da modalidade deôntica, está passando por uma mudança categorial, de verbo pleno a (quasi)-auxiliar, é esperado que venha a coexistir e competir com outra(s) forma(s) que atua(m) como camada(s) nesse domínio. Nesse caso, o candidato prototípico é ‘poder’. A ocorrência abaixo é exemplar no sentido de evidenciar um contexto em que os itens *dou pra* e *posso* parecem comportar-se como variantes de uma mesma variável (LABOV, 2008 [1972]) ou, em termos funcionalistas, como camadas de um mesmo domínio (HOPPER, 1991), configurando uma situação de interface gramaticalização-variação (POPLACK, 2011; TAVARES; GÖRSKI, 2015; GÖRSKI; TAVARES, 2017).

(13) É. Não me prejudicou mas eu tenho impressão que seguinte: que aquilo não favoreceu muito pra mim hoje. Porque *eu* [não dá]- *não dou pra me permitir esse tipo de educação para os meus filhos*. Porque é uma educação rude, e eu não *posso* hoje. Porque se eu permitir esse tipo de educação para os meus filhos hoje, eu vou me tornar uma pessoa ignorante, vão me chamar de ignorante, né? Ou ignorante ou um cara, assim, antigo, né? esse negócio todo aí. Então *não posso permitir esse tipo de educação*. (FLP 18)

Em (13), o informante está discorrendo sobre tipos de educação antiga e atual, comparando a educação que ele recebeu com a que os filhos recebem. Avaliando o tipo antigo como rude, ele não quer passar por ignorante ou antiquado se permitir o mesmo tipo de educação para os filhos. O contexto deôntico mescla possibilidade raiz (há condições externas motivando a realização da ação) com negação da permissão. O par de construções *não dou pra me permitir* e *não posso permitir* são praticamente intercambiáveis, com a única diferença de que a primeira apresenta o complemento de ‘permitir’ (*me*) explícito.

O contexto propício à variação também se faz presente na ocorrência a seguir.

(14) Eu gosto do Alex, meu primo [...] eu não sei se ele gosta de mim, se ele não gosta, mas o namoro pra mim, eu gosto dele, ele gostando de mim, *dava de a gente namorar*. Não é porque a gente é primo que *não pode*. (FLP, FJ)

Diferentemente de (13), contudo, em que o sujeito *eu* aparece marcado na desinência verbal (*dou*), em (14) o sujeito *a gente* está anteposto a INF, num tipo de construção que possivelmente precede a construção com topicalização que resulta em locução verbal, em que *dar de* se comportaria como quasi-auxiliar. A intercambialidade, nesse caso, fica comprometida, embora o contexto seja de modalidade deôntica.

Vejam-se outras ocorrências:

(15) Acontece que ontem ainda escutei na televisão que o salário mínimo fica o mesmo: uns três e quatrocentos e poucos que está. Agora, eu acho que *um pobre assalariado*, vamos ter pena, seu Collor, *não dá de viver*. *Não pode viver assim*. Achava que ele podia olhar mais um pouco com as pessoas que dependem do salário mínimo. (FLP 7)

(16) Até, no caso, Balneário Camboriú é- a cidade é turística e a praia que tem ali que é o cartão postal é uma sujeira completa, né? Eu não entro naquela água nem que me paguem. Já não- Se eu vou pra Camboriú (hes) tomar banho ali eu não tomo. É marrom. *A gente dá pra ver na cara que é marrom*. Não sei como que vive lotado aquilo, *não dá pra entender*. (FLP JL)

(17) Eles dão por causa do colégio, fica ruim. Quando é meio-dia aqui é maior trabalho pra a gente sair. Que é um monte de carros, *os guris pequenos não dá mais pra brincar* porque já dão a volta bem lá no fim da nossa rua, daí já é ruim, né? Muito perigoso, é muito carro, muito movimento. (FLP JJ)

Em (15), (16) e (17), o valor modal de habilidade/capacidade ('conseguir') se mescla com possibilidade raiz (há condições externas e/ou internas para a (não) realização da ação). Nas três ocorrências, o sujeito de 'dar' é correferencial ao de INF: *um pobre assalariado [...] não dá de viver*. *Não pode viver*; *A gente dá pra ver*; *os guris pequenos não dá mais pra brincar*. Note-se que em (15) o informante alterna 'dar de' com 'poder', num típico caso de variação.

Nos dados precedentes, à exceção de (17), em que o sujeito está no plural e o verbo aparece morfologicamente não marcado, existe um sujeito expresso em clara relação de concordância com 'dar', garantindo a interpretação da construção *dar pra/de* INF como uma locução em: *eu não dou pra/posso me permitir* (13); *um pobre assalariado [...] não dá de/pode viver* (15); *a gente dá pra/pode ver* (16). E ainda: *a gente dava pra/podia repetir* (5). Observe-se que 'dar' tem sujeito P1, P3, P4 e P6¹³ e pode aparecer em tempo verbal diferente do presente (*dava*) – um indicativo de expansão de contexto gramatical.

Há vários dados, no entanto, que se apresentam ambíguos, em construções denominadas de híbridas (cf. (3) e (4)). Examinemos, ainda, a ocorrência a seguir.

(18) Ainda mais respirar esse ar todo poluído, não tem como. Daí *a gente* passa assim, daí *a gente* se sente mal, Ø tem que fazer nebulização por causa desse ar. É grosso, *a gente* respira uma coisa grossa, é uma coisa que fica engasgada, *não dá de respirar direito*. Tem que ser um ambiente assim bem puro como as praias. É bom porque *a gente* tira toda a carga negativa. *A gente* fica pura de novo, parece que *a gente* nasce de novo. (FLP J A1)

O dado (18) apresenta uma particularidade interessante: a recorrência de *a gente* como sujeito (explícito ou apagado) numa cadeia tópica sugere, num primeiro momento, que esse pronome seria o sujeito de *dá* em "*a gente* respira uma coisa grossa, é uma coisa que fica engasgada, [a gente] *não dá de respirar direito*". No entanto, não fica descartada uma análise em que *de respirar direito* seja visto como sujeito de 'dar'.¹⁴ Numa abordagem funcionalista voltada à gramaticalização, dados como (3), (4) e (15) são cruciais, pois representam um estágio em que o estatuto gramatical se mostra com sobreposição de funções em decorrência do *continuum* do processo de mudança. Na interface gramaticalização-variação, ocorrências desse tipo são consideradas e categorizadas como tendo estatuto sintaticamente ambíguo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foi discutido o funcionamento da construção *dar pra/de* INF em contextos de modalidade, buscando evidenciar, sincronicamente, – em amostra de fala do final do século XX e início do século XXI – o uso de *dar pra/de* como um "modal emergente" (KRUG, 2001) situando-se na categoria "quasi-auxiliar" (HEINE, 1993), num processo inicial de gramaticalização: verbo de modalidade > verbo modal. Nessa nova categoria, *dar pra/de* passa a coocorrer com 'poder' na expressão do domínio funcional da auxiliarização modal deontica, numa interface gramaticalização-variação. A menção a um processo inicial de gramaticalização deve ser entendida a partir do recorte da amostra analisada: construção *dar pra/de* INF em contextos de

¹³ P1, P3, P4 e P6 equivalem, respectivamente, às pessoas do discurso: 1ª pess. do sing., 3ª pess. do sing., 1ª pess. do plural (*a gente*) e 3ª pess. do pl.

¹⁴ Casos como (15), juntamente com aqueles já vistos como ambíguos ou híbridos, não são considerados numa análise variacionista propriamente dita, uma vez que só interessariam as ocorrências cuja categorização fosse discreta e inequívoca.

modalidade. Diferentemente, se consideramos o verbo 'dar' em geral, a partir de seu uso predicador como verbo pleno com significado de transferência de posse, naturalmente o percurso diacrônico de mudança ganha outro traçado, como mostram os estudos de Coelho e Silva (2014) e Silva (2018), já referidos, que situam o surgimento da construção em contexto de modalidade, como em (6), já no século XIX.

A análise dos dados contemplou fatores de natureza morfossintática e semântico-pragmática, mostrando que a trajetória rumo a um comportamento mais gramatical envolve um conjunto de mudanças graduais e correlacionadas: na (re)configuração semântico-sintática do enunciado que contém a construção *dar pra/de* INF, permeada de sobreposições de que resultam categorias híbridas; na gradual abstratização de *dar* (verbo lexical > quasi-auxiliar); e no funcionamento da preposição *pra/de* (complementizador > partícula agregada ao auxiliar). Entre as características que permitem atribuir a *dar pra/de* o estatuto de quasi-auxiliar modal estão a marcação número pessoal e modo-temporal.

Os dados analisados suscitaram novas hipóteses quanto à emergência de um quasi-auxiliar modal e quanto a camadas coocorrentes no domínio funcional. No primeiro caso (emergência de um quasi-auxiliar modal): i) a alta frequência de uso da construção *dar pra/de* INF em contexto de modalidade pode ter propiciado o surgimento de um novo modal dentro da classe dos modais, projetando-se uma expansão crescente de novos valores; ii) construções que apresentam sujeito expresso de INF podem ter se constituído em gatilho para um movimento de topicalização que desloca o sujeito para o escopo de *dar pra/de*, de modo que *dar* passa a ter, em vez de sujeito oracional preposicionado posposto (*pra/de* INF), um sujeito nominal/pronominal anteposto. No segundo caso (camadas coocorrentes): *dar pra/de* pode vir a ter seu uso intensificado como variante de 'poder', fortalecendo, assim, seu novo estatuto categorial. São questões que ficam em aberto para investigações futuras.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of Grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. London: The University of Chicago Press, 1994.
- COATES, J. The expression of root and epistemic possibility in English. In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN S. (ed.). *Modality in grammar and discourse*. Philadelphia: J. Benjamins, 1995. p. 56-66.
- COELHO, S. M.; SILVA, S. E. de P. O *continuum* de gramaticalização do verbo dar: de predicador a auxiliar. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 23-40, 2. sem. 2014.
- DIAS, A. E. S. *Syntaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1970 [1918].
- GIVÓN, T. *Bio-linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 2002.
- GIVÓN, T. *Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication*. Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- GIVÓN, T. *English grammar: a functional-based introduction*. v. I. Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. v. I-II. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. Typology and functional domains. *Studies in Language*, Amsterdam: John Benjamins, v.5, n.2, p. 163-193, 1981.

GÖRSKI, E. M. Combinação de orações: gramaticalização de fenômenos co-ocorrentes. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 19-33, set. 2000.

GÖRSKI, E. M. Reflexos da topicalização sobre o estatuto gramatical da oração. *In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (org.). Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 169-185.

GÖRSKI *et al.* Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. *In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 106-122.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. *In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (org.). Dinâmicas funcionais da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2017. p. 35-63.

HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. Oxford: Oxford Univ. Press, 1993.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. *In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRUG, M. Frequency, iconicity, categorization: evidence from emerging modals. *In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (ed.) Frequency and the emergence of linguistic structure*. Philadelphia: J. Benjamins, 2001. p. 309-335.

LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

PIRES DE OLIVEIRA, R. A expressão 'dar para (de) INF' em PB: uma análise formal. *In: XLIX SEMINÁRIO DO GEL, 2001, Marília/SP. Anais...* Marília: GEL, 2001, p. 01-07. [CD-Rom]

POPLACK, S. Grammaticalization and linguistic variation. *In: NARROG, H.; HEINE, B. (ed.). The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 209-224.

PRIBERAM. *Dicionário Priberam da língua portuguesa*. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 01 maio 2019.

SILVA, S. E. de P. *A construção verbal V1 dar + preposição + V2 Infinitivo: um estudo na interface sociolinguística e gramaticalização*. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. The development of modal verbs. In: TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2005. p. 105-151.

VAR SUL. *Projeto Variação linguística na Região Sul do Brasil*. Disponível em: <http://varsul.org.br/>. Acesso em: 01 agosto 2018.



Recebido em 07/05/2019. Aceito em 13/06/2019.